

# Cultura escrita e circulação de impressos no Oitocentos

ORGANIZADORAS

Tânia Bessone

Gladys Sabina Ribeiro

Monique de Siqueira Gonçalves

Beatriz Momesso



# Sumário

<b>Apresentação</b>	<b>7</b>
<b>Impressos políticos</b>	<b>17</b>
Capítulo 1. Como um fuzil: imprensa e a identidade política oriental (Província Cisplatina – 1821-1828) <i>Murillo Winter</i>	<b>19</b>
Capítulo 2. Circulação de impressos e antilusitanismo em Rio de Contas, Bahia (1822-1831) <i>Moisés Frutuoso</i>	<b>43</b>
Capítulo 3. Embates discursivos: os escritos políticos dos republicanos liberais na queda do Brasil-Império (1870-1891) <i>Daiane Lopes Elias</i>	<b>63</b>
<b>Impressos periódicos</b>	<b>81</b>
Capítulo 4. A Revista Musical e de Bellas Artes (1879-1880) <i>Alexandre Raicevich de Medeiros</i>	<b>83</b>
Capítulo 5. Traços de modernidade: modernidade e progresso na imprensa ilustrada fluminense (1870-1880) <i>Arnaldo Lucas Pires Junior</i>	<b>103</b>
<b>Impressos e trajetórias biográficas</b>	<b>121</b>
Capítulo 6. História, literatura e circulação das ideias antiescravistas de Joaquim Manuel de Macedo <i>Martha Victor Vieira</i>	<b>123</b>

Capítulo 7. No próximo vapor: uma viagem entre Aracaju e o Rio de Janeiro no século XIX <i>Samuel Albuquerque</i>	141
Capítulo 8. Narrar uma vida, contar uma história: uma breve análise sobre as produções biográficas acerca do marquês de Barbacena <i>Rafael Cupello</i>	157
<b>Impressos e espaços de sociabilidade: as bibliotecas</b>	<b>177</b>
Capítulo 9. A nova Corte e a circulação de ideias nos Império luso-brasileiro: Imprensa Régia e Real Biblioteca do Rio de Janeiro durante o governo joanino (1808-1821) <i>Juliana Gesuelli Mirelles</i>	179
Capítulo 10. Impressos, bibliotecas e ideias: a ampliação da esfera literária na província do Espírito Santo nos anos de 1880 <i>Karulliny Silverol Siqueira Vianna</i>	199
Capítulo 11. A biblioteca da Academia dos Guardas-Marinha: um acervo como instrumento de formação militar-naval <i>Carlos André Lopes da Silva</i>	219
<b>Sobre os autores</b>	<b>239</b>

# Apresentação

[...] Era, porém, preciso um gigante para fazer morrer outro gigante. Que novo parto do engenho humano veio nulificar uma arte que reinara por séculos? Evidentemente era mister uma revolução para apear a realeza de um sistema; mas essa revolução devia ser a expressão de um outro sistema de incontestável legitimidade. Era chegada a imprensa, era chegado o livro.

O que era a imprensa? Era o fogo do céu que um novo Prometeu roubara, e que vinha animar a estátua de longos anos. Era a faísca elétrica da inteligência que vinha unir a raça aniquilada à geração vivente por um meio melhor, indestrutível, móbil, mais eloquente, mais vivo, mais próprio a penetrar arraiais de imortalidade.

O que era o livro? Era a fórmula da nova ideia, do novo sistema. O edificio, manifestando uma ideia, não passava de uma coisa local, estreita. O vivo procurava-o para ler a ideia do morto; o livro, pelo contrário, vem trazer à raça existente o pensamento da raça aniquilada. O progresso aqui é evidente.

A revolução foi completa. O universo sentiu um imenso abalo pelo impulso de uma dupla causa: uma ideia que caía e outra que se levantava. Com a onipotência das grandes invenções, a imprensa atraía todas as vistas e todas as inteligências convergiam para ela. Era um crepúsculo que unia a aurora e o ocaso de dois grandes sóis. Mas a aurora é a mocidade, a seiva, a esperança; devia ofuscar o sol que descambava. É o que temia aquele arcediogo da cathedral parisiense, tão bem delineado pelo poeta das *Contemplações*.

Com efeito! A imprensa era mais que uma descoberta maravilhosa, era uma redenção. A humanidade galgava assim o Himalaia dos séculos, e via na ideia que alvorecia uma arca poderosa e mais capaz de conter o pensamento humano. [...],<sup>1</sup>

---

1 Machado de Assis, "O jornal e o livro". *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 e 12/01/1859.

O Brasil oitocentista pode ser caracterizado por uma verdadeira explosão da palavra impressa na cena pública (MOREL, 2002). Em meio a um contexto de construção da nação assistimos, no Brasil já independente, ao primeiro *boom* dos impressos. Seja pelos constantes e acirrados embates políticos em curso ou pela utilização progressiva desses veículos como meios de legitimação pela elite intelectual, tais publicações angariaram, paulatinamente, uma aura de verdadeiras educadoras. A associação entre a imprensa, os livros, o progresso e a civilização animaria gerações de intelectuais desse período, em consonância com o entusiasmo demonstrado pelas palavras de Machado de Assis. Propagadora das luzes, iluminadora de mentes, meios de instrução e educação, veículos de civilização e progresso. Essas e outras acepções foram utilizadas pelos letrados que enxergavam nos impressos o meio primordial para equiparar o Império do Brasil às nações civilizadas europeias.

Assim, ao longo do século XIX, consolidar-se-ia no Brasil um ambiente de intensa circulação de ideias, com o surgimento progressivo de publicações como panfletos, periódicos especializados, jornais diários e livros, entre tantos outros produtos impressos. O impulso dado pelo decreto real que estabelecia o fim da censura no Brasil, em 1821, criava condições concretas para o surgimento de empreendimentos tipográficos, assim como para a circulação de impressos importados com maior intensidade. Mas, seria a consolidação de uma mentalidade abstrata que conferiria a esses impressos, em especial, à imprensa, o valor de transmissores de opiniões e informações (BARBOSA, 2010). Durante o Oitocentos, tais iniciativas relacionadas à consolidação de uma cultura escrita (BRAGANÇA; ABREU, 2010) fariam desses impressos o meio primordial de legitimação de ideias e de formação de opinião pública, ao mesmo tempo em que se constituíam como verdadeiros meios de ascensão social (MOREL, 2005).

A transferência da sede da Corte portuguesa para o Brasil, assim como todo o processo de criação de instituições culturais e científicas, consolidou no Império uma diversificada rede de intelectuais que se apropriava dos impressos não só como meios de instrução e atualização sobre tudo o que era produzido em além-mar, mas também como meio de divulgação e legitimação de suas ideias, seja no âmbito cultural, político, econômico ou científico. Desta forma, com base na perspectiva de Robert Darnton e Daniel Roche (1994) de que a palavra impressa atuara como uma “força ativa na história” e não como um simples registro do que aconteceu, novos trabalhos historiográficos têm sido produzidos visando refletir sobre o papel dos livros e dos impressos de forma geral, em um ambiente de intensificação do comércio editorial, onde também ocupam um lugar especial os espaços de sociabilidade constituídos com base nessa cultura escrita, como os cafés, bibliotecas públicas, salões e etc.

Destarte, a intenção deste livro é consolidar um espaço de debate para o qual converge uma crescente soma de pesquisadores e estudantes interessados pelos estudos da palavra impressa, de diferentes instituições do país, e dar sequência aos

debates iniciados em 2012, que resultaram na publicação *O Oitocentos entre livros, livreiros, impressos, missivas e bibliotecas*, organizada por Tania Bessone, Gladys Ribeiro e Monique Gonçalves, em 2013.

A importância adquirida pelos impressos no século XIX tem chamado, progressivamente, a atenção de pesquisadores e estudantes das instituições de ensino e pesquisa brasileiras. Sendo assim, nas últimas décadas, assistimos à multiplicação de trabalhos que tomam os impressos, em suas mais variadas tipologias, como objeto principal de análise, demonstrando a fertilidade dessa temática e o potencial de construção de novas interpretações sobre a cultura letrada no Brasil Imperial. Seja no âmbito da história cultural, política, econômica, social ou da ciência, notamos que os impressos têm se configurado como importante objeto de reflexões, contribuindo para a confecção de novas perspectivas analíticas.

Consequentemente, desde 2012, a partir da realização do XV Encontro Regional de História da Anpuh-Rio, constituímos um espaço de trocas cujo objetivo principal era criar um ambiente de compartilhamento dos resultados finais e parciais de pesquisas históricas, desenvolvidas tanto por pesquisadores quanto por estudantes de mestrado e doutorado dedicados a esta temática. Tínhamos como meta dividir as problemáticas enfrentadas e as novas perspectivas de análise, avançando, por meio de uma reflexão coletiva, nos estudos relativos à história dos impressos no Brasil.

Cabe, então, destacar que esta proposta também era motivada, desde aquele momento, pelas pesquisas desenvolvidas no âmbito do Laboratório Redes de Poder e Relações Culturais (REDES), ligado ao Departamento de História e ao Programa de Pós-graduação em História da UERJ, e ao Projeto *O Estado brasileiro no século XIX: interseções e margens*, financiado pelo PRONEX e liderado pelos REDES/Centro de Estudos do Oitocentos - CEO - UFF, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História da UFF. Por outro lado, apoiava-se igualmente nas investigações desenvolvidas pelas organizadoras deste livro, envolvidas na empreitada e cujas pesquisas também eram financiadas por bolsas de pesquisa do Cientista do Nosso Estado (CNE)/FAPERJ (Tania Bessone e Gladys Sabina Ribeiro) e pela bolsa de pós-doutorado/FAPERJ (Monique Gonçalves), cujas temáticas convergiam para esta área de interesse.

Entretantes, apesar do fim do financiamento concedido ao grupo de pesquisa vinculado ao PRONEX, em 2013, as pesquisadoras organizadoras da presente obra continuaram a ter suas pesquisas financiadas por agências de fomento (FAPERJ e CNPq), publicando artigos, capítulos de livros e livros nesta área de pesquisa.

Desde 2010, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira (Professora Associada do Departamento de História e do PPGH da UERJ) tem desenvolvido, como coordenadora, o projeto intitulado: *Impressores livreiros, livros e conceitos: circuito de ideias entre Brasil, Portugal e França, 2ª metade do século XIX* (com financiamento do CNE - FAPERJ); além de integrar o projeto de pesquisa

*Entre a política e as letras: Minerva Brasiliense e seu lugar no mundo dos impressos no Brasil do Oitocentos* (com financiamento do CNPq). No âmbito de suas pesquisas, supervisiona desde o ano de 2011, o pós-doutoramento da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Monique de Siqueira Gonçalves, que em 2015 foi contemplada com a bolsa do Programa de Pós-doutorado Nota 10 da FAPERJ, com o projeto intitulado: *Construção, apropriação, resignificação e circulação de ideias científicas na Corte imperial: a medicina psiquiátrica oitocentista entre teorias, atores e práticas (1850-1889)*. Ambas as pesquisas são desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em História da UERJ.

A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gladys Sabina Ribeiro (Professora Titular do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFF) desenvolveu de 2012 a 2014, o projeto *Dimensões da construção do Estado em dois momentos: 1834 a 1840 e 1889 a 1932*, e iniciou em 2015 (com financiamento do CNE - FAPERJ) o projeto *Poderes políticos, trocas culturais e cidadania em dois momentos (1840-1857 e 1870 a 1920)*, ambos com financiamento do Cientista do Nosso Estado, da FAPERJ. Propôs-se a trabalhar nessas investigações a partir das metas e objetivos desenhados nos projetos financiados pelo CNPq, *Dimensões da construção do Estado nos jornais cariocas entre 1834 a 1840*, desenvolvido entre 2011 e 2014, e *Ordem, Lei e Justiça: Estado e Sociedade no pensamento de José Justiniano da Rocha (1836-1860)*, projeto de Produtividade CNPq que será desenvolvido de 2015 a 2018. Também atrelado às suas pesquisas, supervisiona o pós-doutoramento da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Beatriz Piva Momesso, bolsista do Programa de Pós-doutorado da FAPERJ, com o projeto intitulado *As ideias e práticas progressistas e centro liberais nas décadas de 1850 e 1860 no Brasil Imperial*, que vem compor o grupo de organizadoras da presente publicação.

A convergência dos objetivos gerais das pesquisas em desenvolvimento pelas organizadoras deste livro vincula-se, sobretudo, à necessidade de se analisar, com mais profundidade, o papel dos impressos no Brasil oitocentista, sob os seus mais diversos matizes. Abordam a atuação dos intelectuais tipógrafos e/ou editores, dos médicos ou dos políticos, para compreender a dinâmica de circulação e construção de ideias/conhecimentos e conceitos, propiciados pela emergência e consolidação de uma cultura impressa no Brasil do século XIX, e que visava a construção da Nação, do Estado e da cidadania.

Com base nesses interesses em comum, tendo em vista o sucesso alcançado pelas primeiras discussões realizadas pelo grupo reunido da Anpuh regional de 2012, e mediante a expansão dos espaços de debates envolvendo os impressos no século XIX – dentre os quais podemos destacar os eventos nacionais e internacionais promovidos pela Sociedade de Estudo dos Oitocentos (SEO) – no qual também estão envolvidas as organizadoras da presente obra –, acreditamos ser importante dar continuidade aos debates. Assim sendo, propusemos a realização de um segundo Simpósio Temático, no XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio, de 2014, intitulado: *A cultura escrita e a circulação de ideias no Oitocentos*. Neste